

---

# Notas sobre a geofraficidade

---

da paisagem  
retratada  
na literatura e poesia

---

Notes on the geographicity  
of landscape portrayed  
in literature and poetry

**Ivan Fortunato**

Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP),  
Campus de Itapetininga. São Paulo (SP), Brasil.  
[ivanftr@yahoo.com.br](mailto:ivanftr@yahoo.com.br)

---

### Resumo

Nesta nota, a paisagem –um dos pilares da ciência geográfica– é apresentada a partir da relação visceral entre o ser humano e seus lugares, conforme pensada por Dardel, na década de 1950. Não há pretensões de traçar uma definição clara e acertada sobre a paisagem; tampouco de desconsiderar o avanço do conhecimento da geografia que, cada vez mais, tem se desdobrado e contribuído interdisciplinarmente. Não obstante, também não é ideal desconsiderar que a paisagem possui uma face de afetividade que aqui, por meio de trechos poéticos e da literatura, demonstramos. Com esta nota, o objetivo profícuo é ressaltar que esta ciência poderia ser nomeada como Geografias.

**Palavras-chave:** Dardel; geografia humanista; geopoética.

### Abstract

*In this note, the landscape – a mainstay of geographical science – is presented from the visceral relationship between human beings and their place as thought by Dardel, in the 1950's. It is not intended to draw a crystal-clear definition of a landscape, nor to disregard the advancement of geographic knowledge that has increasingly made important interdisciplinary contributions. However, it is not ideal to overlook the landscape affective face shown here through passages of poetry and literature. In this note, the most important goal is to point out that this science could be named as Geographies.*

**Key words:** Dardel; Humanistic Geography; geopoethics.

## 1. Notas sobre a geograficidade da paisagem retratada na literatura e poesia

I generally use the word *landscape* to refer everything I see and sense when I am out of doors. This includes clouds, houses, streets, transmission lines for electricity, rain and rainbows, valleys and vehicles, tourists and their litter which they leave behind them. My idea is that landscape is the necessary context and background both of my daily affairs and of the more exotic circumstances of life (Relph, 1981: 22)<sup>(1)</sup>.

Esta nota foi motivada pela presença constante e importante da paisagem nos trabalhos desenvolvidos pela pesquisa em geografia. No entanto, ao mesmo tempo em que o termo é recorrente, há que se evidenciar que não existe um consenso quanto à sua utilização. Nem deve haver. Uma das principais características do conhecimento científico é que ele não é, nem deve ser estático; outra qualidade da ciência é ser produzida sempre por *alguém*, isto é, independentemente de se procurar por fatos e dados, sua produção não começa sem antes uma escolha bastante pessoal do tema, do método e do sistema de análise. Isso pode explicar a existência de «escolas» que, mesmo assentadas sobre uma mesma ciência, investem grande parte de seu tempo, esforços e recursos para desmentir seus próprios colegas<sup>(2)</sup>.

A geografia não é a exceção que comprova a regra. Por isso, a ‘paisagem’ evoluiu ao longo do último século, mas também ocasionou rupturas e desacordos dentro da própria área de pesquisa. Pode-se citar, como exemplo, a revisão de literatura pu-

blicada por dos Santos (2008: 202-204) que contém pouco mais de 15 definições distintas ou complementares sobre paisagem, sintetizada em alguns parágrafos.

Ainda, é preciso considerar a importante argumentação apresentada por Trinca (2006: 117), ao escrever a respeito da possível dicotomia entre paisagem natural e paisagem cultural. Para a autora, deveria haver apenas paisagem, pois: «*Si la separación histórica que se ha hecho del paisaje responde a un momento de la construcción de la geografía como ciencia, porque no pensar que en este momento cabe otra interpretación; porque no pensar que el contenido que identifica al concepto de paisaje ha cambiado, y, por tanto, su uso como herramienta analítica debería también cambiar*»<sup>(3)</sup>.

Ou, se ao invés de mudar, fosse permitido e incentivado a presença de distintas formas de se compreender a paisagem, pluralizando a concepção da própria ciência geográfica? Uma possível definição de paisagem, ainda que parcial, foi dada por Relph e reproduzida na epígrafe. Esta se tornou referência, pois foi com base em seus escritos que cheguei ao ensaio «O Homem e a Terra» de Dardel (2011) e, com eles, conheci os escritos de Marc-Besse, Tuan e Livia de Oliveira<sup>(4)</sup>, que me apresentou Dubois. Estas pessoas, no diálogo ao vivo e/ou pela leitura de suas obras, possibilitaram entender que uma das maneiras humanas de se relacionar com os lugares é muito semelhante às relações de alteridade (Fortunato, 2016b).

Pela definição reportada na epígrafe é possível inferir que paisagem é uma palavra que inicialmente nos remete a uma porção visual de determinado local, permitindo-nos criar classificações sobre seus aspectos físi-

cos, ou até mesmo reconhecer determinado lugar por causa de pontos de referência ou elementos materiais. Pode-se, portanto, ver as paisagens como serrana, litorânea, urbana, turística, bucólica, suja, encantadora, casa amarela, supermercado, segundo semáforo à esquerda, o lago, um ipê roxo na frente do edifício... Essa forma de ver a paisagem, por sua vez, parece reduzir a própria geografia a uma ciência descritiva. Por isso, a ideia de fazer geografia proposta por Dardel, na década de 1950, tinha como propósito ampliar essa restrição: «*Mas antes do geógrafo e da sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geofraficidade (geographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino*» (Dardel, 2011: 1-2).

A leitura deste trecho possibilita constatar que estar na Terra é mais do que um verbo que indica nossa simples condição espacial, sendo isto ratificado pelas palavras «vontade», «amor», «existência» e «destino» que nos liga ao Planeta não apenas como receptáculo, mas como parte intrínseca da própria vida. Por isso, descrever a paisagem pode ser mais do que enumerar seus aspectos visíveis, pois as paisagens também catalisam a percepção pelos outros sentidos. Assim, por exemplo, a cidade é barulhenta, por causa do trânsito, das buzinas, dos apitos das fábricas; e a serra tem o silêncio quebrado pelos pássaros e pelas cachoeiras, assim como litoral tem o som das ondas e

do vendedor de coco... Junto com as ondas, a brisa do mar, o mormaço, o calor sentido de forma diferente da cidade abafada, com seu ar poluído que motiva doenças respiratórias, as pressões do escritório, dos chefes, dos negócios, a angústia no trânsito e a irritação nas filas do mercado e da padaria... Algumas pessoas se emocionam ao ver o oceano, ao colocar os pés na areia, ao encontrar o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, enquanto outros têm medo desta cidade, de outra cidade, de uma rua, da floresta ou do deserto... Se a paisagem obscurecida pelo anoitecer indica que está se aproximando o momento de reclusão para muitos, o crepúsculo indica, por exemplo, para o boêmio e o trabalhador noturno, a hora de despertar e participar da vida cultural.

Ocasionalmente, essas descrições da paisagem podem parecer meramente aleatórias, superficiais e até mesmo inventadas. Contudo, as palavras do escritor italiano, Ítalo Calvino, conseguem capturar essa essência da paisagem, como no exemplo a seguir, na qual a experiência da personagem Marcovaldo com a visão panorâmica da paisagem de sua cidade vivida foi retratada: «*Subiram até quase o pico do morro. Numa curva, a cidade surgiu, lá embaixo, ao fundo, esparramada sem contornos pela cinzenta teia de aranha das ruas. Os meninos rolavam pela grama como se não tivessem feito outra coisa a vida inteira. Soprou uma brisa; já anoitecia. Na cidade algumas luzes se acendiam num piscar confuso. Marcovaldo experimentou a mesma sensação de quando jovem, chegara à cidade e se sentira atraído por aquelas ruas, por aquelas luzes como se esperasse sabe-se lá o quê. As andorinhas cortavam o céu sobre a cidade. Então foi invadido pela tristeza de ter de voltar lá*

*para baixo, e decifrou na paisagem incrustada a sombra de seu bairro: ele lhe pareceu uma charneca de chumbo, estagnada, recoberta pelas densas escamas dos telhados e pelas tiras de fumaça esvoaçante sobre as colunas das chaminés».* (Calvino, 1994: 51).

Sensível leitor das cidades, Calvino revela, ao narrar a emoção sentida por Marcovaldo, ao olhar para sua cidade do alto, em plena primavera, o profundo significado da paisagem para ao ser humano. Na paisagem da cidade, não se vê tristeza. No entanto, a paisagem da cidade contém a tristeza de seus moradores –como sentimento individual ou compartilhado. Para Calvino, sua personagem *olha* para a cidade, mas as ruas se tornam uma «cinzenta teia de aranha», e as luzes que se acendem no anoitecer - um fenômeno incrível de dominação da tecnologia humana sobre a natureza da Terra–, não passam de um «pisar confuso». Mas, a sua personagem não apenas *vê* «andorinhas que cortam o céu», «escamas dos telhados» ou as «colunas das chaminés», porque ao decifrar seu lugar vivido naquela paisagem, Marcovaldo *sente*. E é isso que Dardel já havia anotado: a paisagem é um elemento da ciência geográfica capaz de desencadear emoções, sensações, lembranças. Não obstante, não é a paisagem que as ocasiona, mas a estreita união, orgânica e afetiva, que com ela estabelecemos. Disso decorre importante adágio: uma paisagem é sempre singular, pois ela... «...*coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geografia original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto, lúcida. Limpidez*

*de uma relação que afeta a carne e o sangue. A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento».* (Dardel, 2011: 31).

Neste trecho, Dardel fortalece sua ideia de que a paisagem não pode permanecer na descrição visual, pois ela tem a ver com a «totalidade humana» e suas «ligações existenciais». Dardel não queria considerar a possibilidade de haver qualquer paisagem estática, que se torna «um círculo fechado», mas aquela que se equivale à própria dinâmica humana de desenvolvimento e transformação, não apenas se modificando em seus aspectos visuais, mas tornando-se reflexo da própria cultura que, reciprocamente, cria. Daí a referência à paisagem como desdobramento da ação humana sobre a Terra, registrando seu passado e seu presente. Por isso, esta linha de pensamento geográfico –a Geografia Humanista– considera toda paisagem antropocêntrica, sendo, conforme assinalou Dardel (2011: 32), expressão da cultura e «parte integrante da geografia local como testemunhos de uma presença humana que dá sentido ao seu entorno», pois «fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada».

Tais constatações levam a crer que cultura e paisagem são indissociáveis na vida humana, sendo que uma pressupõe a outra. Então, sendo a existência cultural dinâmica, e a paisagem uma construção histórica, isso implica afirmar que cada paisagem é reflexo da própria experiência humana, em todos os aspectos, sejam estes históricos, culturais, coletivos e/ou individuais. Isso já foi até capturado e transmitido pela palavra poética, como as que estão nos versos a seguir:

«A paisagem é um espelho  
onde me reflito e me reflete.  
A paisagem é uma porta  
aberta ou fechada  
onde a imaginação é a chave»  
(Montenegro, 2009: 32).

A paisagem como reflexo da condição cultural e da profundidade do espírito humano, na contraditória e complementar complexidade que envolve o indivíduo, o coletivo e o lugar, possibilita apresentar controversa conjectura: eu sou a paisagem; nós somos a paisagem; e vice-versa. Conjectura que foi retratada em versos, pelo poeta brasileiro Affonso Ávila, na mesma década em que Dardel publicou as primeiras palavras sobre a geograficidade e a visceral relação humano-lugar:

«A paisagem sou eu, não me registro  
(A rosa dos ventos desarticulou-se),  
Os cardumes de sons em que planava  
(Sou apenas acidente geográfico)»  
(Ávila, 1953: 55).

Fantástica essa noção de que somos um ‘acidente geográfico’: tão naturais e tão pertencentes à paisagem como os rios, as montanhas e as matas; ao mesmo tempo tão culturais quanto às cidades e todos os seus artefatos, como os edifícios e as malhas viárias. É interessante notar, portanto, que a fala poética está mais próxima das nossas emoções, daquilo que é sentido, mas não necessariamente compreendido racionalmente. Por isso, a poesia, em verso ou prosa, consegue capturar de forma espontânea, afetiva e profunda, a intrínseca relação do ser humano com as paisagens vividas e observadas. Por isso, às vezes, quando estou

vigorosamente envolvido com um lugar, torna-se impossível saber onde termina meu corpo e começa a paisagem. Esses profundos momentos de ligação com a paisagem, quando nos tornamos a paisagem, é que a linguagem poética consegue capturar e reproduzir em palavras essa sensação de ser mais um ‘acidente geográfico’ na imensidão de um lugar...

## 2. Notas

- (1) Tradução livre: Eu geralmente uso a palavra paisagem para se referir a tudo o que vejo e sinto quando estou do lado de fora. Isso inclui nuvens, casas, ruas, linhas de transmissão de energia elétrica, chuva e arco-íris, vales e veículos, turistas e o lixo que deixam para trás. Minha idéia é a de que a paisagem é o contexto necessário tanto dos meus afazeres diários quanto das circunstâncias mais exóticas de vida.
- (2) Sobre essa subjetividade na ciência, ver Fortunato (2016a).
- (3) Tradução livre: Se a separação histórica que se fez da paisagem reflete um momento de construção da geografia como ciência, porque não pensar que neste momento cabe outra interpretação; porque não pensar que o conteúdo que identifica o conceito de paisagem mudou, e, por conseguinte, a sua utilização como uma ferramenta analítica também deveria mudar.
- (4) Livia de Oliveira, professora emérita, foi orientadora de minha tese de doutorado em Geografia. Com ela aprendi a pesquisar, a escrever e a pensar na importância dos lugares para a vida humana. Na tese, elaborei profunda reflexão sobre conhecer, cortejar e descobrir um lugar (cf. Fortunato, 2014).

### 3. Referências citadas

- ÁVILA, A. 1953. *O açude e sonetos da descoberta*. Santelmo. Belo Horizonte, Brasil.
- CALVINO, I. 1994. *Marcovaldo ou as estações na cidade*. Trad. Nilson Moulin. Companhia das Letras. São Paulo, Brasil.
- DARDEL, E. 2011. *L'homme et la terre: nature de la réalité géographique*. Versão brasileira por Werther Holzer. Perspectiva. São Paulo, Brasil.
- Dos SANTOS, N. R. J. 2008. «Percepções da paisagem na Floresta Nacional de Canela, Rio Grande do Sul-Brasil. Avaliação da «Trilha do Veado»». *Revista Geográfica Venezuelana*, 49(2): 201-209.
- FORTUNATO, I. 2014. *Pateo do Collegio: um lugar na cidade de São Paulo*. Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro (SP), Brasil. Tese (Doutorado em Geografia).
- FORTUNATO, I. 2016a. «Cientificamente comprovado (?): reflexões sobre conhecimento científico». [artículo en evaluación].
- FORTUNATO, I. 2016b. «Notes about place from a geographicity standpoint». *Revista Geográfica Venezuelana*, 57(1): 126-133.
- MONTENEGRO, H. 2009. «A poesia da senda: o misticismo da poesia – a poesia do misticismo». *O Rosacruz*. Curitiba, 268: 29-33.
- RELPH, E. 1981. *Rational landscapes and humanistic geography*. Croom Helm. London, UK.
- TRINCA FIGHERA, D. 2006. «Paisaje natural, paisaje humanizado o simplemente paisaje». *Revista Geográfica Venezuelana*, 47(1): 113-118.

---

Lugar y fecha de finalización:  
Itapetininga, São Paulo, Brasil;  
enero, 2016.